

**GAPS COMPORTAMENTAIS E COGNITIVOS-EMOCIONAIS DOS DISCENTES  
NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: uma revisão sistemática da literatura**

**GILMARA ELKE DUTRA DIAS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO (UFERSA)

**ODERLENE VIEIRA DE OLIVEIRA**  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR)

**Agradecimento à orgão de fomento:**

Agradeço à Fundação CAPES pela bolsa integral de doutorado, essencial para a realização desta pesquisa.

# **GAPS COMPORTAMENTAIS E COGNITIVOS-EMOCIONAIS DOS DISCENTES NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: uma revisão sistemática da literatura**

## **1 INTRODUÇÃO**

Este estudo evidencia a interconexão entre perspectivas comportamentais, estratégias de gestão do conhecimento e inteligência emocional dos discentes na extensão universitária, sinalizando lacunas teórico-metodológicas e avaliando sua aplicabilidade em distintos contextos acadêmicos. Além disso, considera diretrizes normativas que consolidam a extensão como eixo essencial na formação superior (Superior, 2024; Brasil, 2024).

Para compreender o engajamento e o desempenho dos estudantes em atividades de extensão, adotam-se três abordagens teóricas centrais. A Teoria Comportamental (TC) explora como estímulos e reforços moldam o comportamento, esclarecendo o engajamento emocional discente e seus impactos no processo de aprendizagem. A Teoria da Gestão do Conhecimento (GC) investiga a dinâmica entre conhecimento tácito e explícito, impulsionando a inovação acadêmica por meio de práticas colaborativas. Por fim, a Teoria da Inteligência Emocional (IE) destaca a influência das emoções na adaptação e no rendimento estudantil, promovendo tanto a assimilação de conteúdos quanto a cooperação entre pares (Barros Neto, 2025).

No Brasil, o arcabouço jurídico que regulamenta a extensão universitária reforça essa centralidade formativa. A Resolução CNE/CP nº 7/2018, do Conselho Nacional de Educação, estabelece a obrigatoriedade e a integração social da extensão nos cursos superiores (Supremo, 2024; Brasil, 2024). A Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação 2014–2024, fixa em no mínimo 10% da carga horária dos cursos a destinação à extensão, enquanto a LDB (Lei nº 9.394/1996) e a Constituição Federal de 1988 reconhecem-na como componente essencial da formação. A recente atualização por meio da Lei nº 15.001/2024 reforça a transparência na gestão educacional, garantindo maior efetividade social e acadêmica (Supremo, 2024; Brasil, 2024).

Apesar do respaldo normativo e das bases teóricas, identificam-se lacunas na integração entre Gestão do Conhecimento (GC) e Inteligência Emocional (IE) na extensão acadêmica, o que pode comprometer o engajamento estudantil em diferentes cenários (Wu & Klingebiel, 2024; Hofacker et al., 2024). Pesquisas mostram que estratégias adaptativas alinhadas aos perfis emocionais dos discentes aprimoram a aprendizagem (Edelmann & Albrecht, 2023), e que mecanismos de feedback emocional fortalecem a confiança e promovem boas práticas pedagógicas (Sarhadi et al., 2021). A conexão entre essas dimensões pode reduzir lacunas teóricas, oferecer novas abordagens metodológicas e contribuir para o fortalecimento da extensão universitária.

Neste contexto, a pesquisa problematiza: de que modo as lacunas comportamentais e de gestão do conhecimento influenciam a inteligência emocional dos discentes em atividades de extensão acadêmica em cenários diversos?

Como objetivo geral, busca-se evidenciar os efeitos do comportamento e da gestão do conhecimento sobre a inteligência emocional dos discentes em extensão universitária. Os objetivos específicos são: (1) sinalizar a influência comportamental na formação da inteligência emocional dos estudantes envolvidos em extensão; e (2) apresentar as implicações da gestão do conhecimento no desenvolvimento de competências socioemocionais em atividades de extensão.

A metodologia baseia-se na revisão sistemática da literatura, utilizando as bases de dados Web of Science (WoS) e EBSCOhost e priorizando estudos recentes (2022–2025) sobre teoria comportamental, gestão do conhecimento, inteligência emocional e extensão acadêmica. Meneghetti (2022) ressalta a importância de análises teóricas críticas em temas complexos, enquanto Dassoler (2023) e Silva (2025) evidenciam o papel das políticas participativas nesse contexto. Song et al. (2024) alertam para desafios estruturais, como barreiras que demandam

frameworks inclusivos, reforçando a necessidade de participação, transparência e equidade acadêmica.

Justifica-se este estudo pela urgência de integrar teorias comportamentais e cognitivas com abordagens de inteligência emocional, a fim de otimizar processos de aprendizagem e retenção discente na extensão universitária (Novaes, 2025; Souza & Cardoso, 2024). Ao correlacionar práticas de gestão do conhecimento com princípios de inteligência emocional, o estudo contribui para a atualização de modelos acadêmicos e para o desenvolvimento de competências socioemocionais, fortalecendo a construção coletiva do saber em ambientes de extensão (Zak, 2025).

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva apoia-se em revisão sistemática de literatura, conduzida conforme as recomendações do PRISMA 2020 Checklist (Page et al., 2021) e fundamentada em Meneghetti (2011). O uso do PRISMA garantiu transparência em todas as etapas de seleção — identificação, triagem, elegibilidade e inclusão — por meio de fluxograma apropriado e checklist de 27 itens, assegurando rastreabilidade e rigor metodológico.

A busca por estudos foi realizada nas bases Web of Science (WoS) e EBSCOhost, restringindo-se a periódicos revisados por pares publicados no intervalo entre 2022 e fevereiro de 2025. Aplicou-se combinação de termos em inglês ligados a “University Extension”, “Knowledge Management”, “Emotional Intelligence in Students” e “Behavioral Theory”, conectados via operador AND. O levantamento inicial resultou em 1.112 registros; após remoção de duplicatas e aplicação de critérios de elegibilidade — título, resumo e texto completo —, 109 artigos foram submetidos à fase de avaliação detalhada, culminando em um corpus final de 82 artigos, selecionados por representatividade científica e aderência aos objetivos do estudo.

A coleta de dados ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2024, correlacionando as três abordagens teóricas (TC, GC e IE) e considerando o arcabouço normativo da extensão universitária (Supremo, 2024; Brasil, 2024).

Por fim, a análise seguiu um protocolo em três fases: (1) definição das questões investigativas e mapeamento de lacunas teóricas; (2) extração e categorização de dados — via formulário padronizado — para identificar contribuições e limitações de cada abordagem; e (3) síntese qualitativa, com codificação temática e comparação entre contextos acadêmicos diversos. O emprego do PRISMA 2020 reforça a consistência e a reprodutibilidade dos procedimentos, assegurando que todas as decisões de inclusão e exclusão estejam devidamente documentadas (Page et al., 2021; Barros Neto, 2025).

## **3 RESULTADOS: LACUNAS TEÓRICAS**

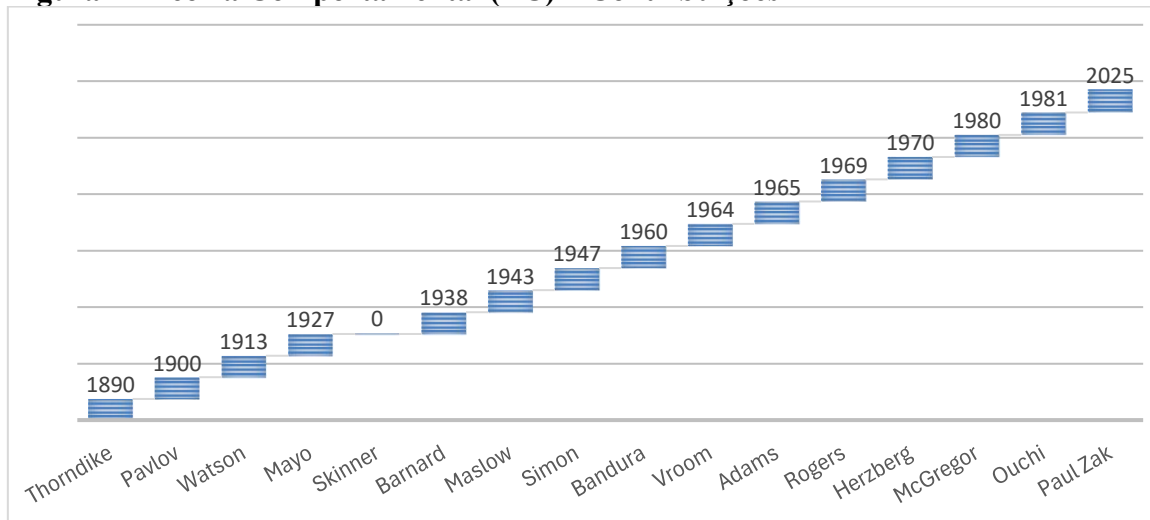
### **3.1 Teoria Humanística: Teoria Comportamental (TC)**

Conforme descrito na obra de Barros Neto (2025), a evolução da Teoria Humanista, com foco na Teoria Comportamental (TC), teve início com Thorndike (1890) e sua Lei do Efeito, sendo posteriormente aperfeiçoada por Pavlov (1900) nos estudos sobre aprendizagem e consolidada por Watson (1913) no *Behaviorismo*. Mayo (1927) identificou fatores sociais que influenciam produtividade, enquanto Skinner (1930, 1953) demonstrou que comportamento é moldado por reforços e punições. Barnard (1938) enfatizou relevância da comunicação organizacional, Maslow (1943) propôs a Hierarquia das Necessidades, e Simon (1947) desenvolveu Teoria das Decisões.

Posteriormente, Bandura (1960) introduziu Teoria da Aprendizagem Social, Vroom (1964) formulou Teoria da Expectativa e Adams (1965) apresentou Teoria da Equidade. Rogers (1969) reforçou liderança empática, Herzberg (1970) diferenciou fatores motivadores e

higiênicos, McGregor (1980) elaborou as Teorias X e Y, Ouchi (1981) integrou aspectos da cultura japonesa à Teoria Z, e Paul Zak (2025) explorou Neuroeconomia, evidenciando efeito da confiança no comportamento organizacional, conforme síntese de Barros Neto (2025), apresentadas da Figura 1.

**Figura 1– Teoria Comportamental (TC) – Contribuições**



De acordo com a literatura mais recente, a Teoria Comportamental (TC) enfrenta desafios nas organizações estatais, que resistem à inovação na gestão do conhecimento acadêmico (Wu e Klingebiel, 2024). Em contrapartida, práticas sustentáveis podem otimizar desempenho e fomentar a cidadania organizacional (Samosir, Augustine e Pardede, 2023), alinhando-se à inovação no compartilhamento de conhecimento (Chang, Hu e Keliw, 2021). Além disso, jogos de gestão fortalecem inteligência emocional, ampliando o engajamento acadêmico e construção de comportamentos organizacionais (Larionova, Stepanova e Shalina, 2020).

A evolução da TC exige abordagens flexíveis para superar lacunas pouco exploradas, como adaptação de estratégias acadêmicas ao comportamento estudantil (Volpe et al., 2025). Andrade (2025) destaca desafios institucionais, enquanto Xu et al. (2024) propõe a IA para equilibrar inovação e bem-estar acadêmico. Wang et al. (2024) evidencia efeitos negativos da sobrecarga informacional *online*, e Aguilar-Hernández et al. (2023), Barros Neto (2025) e Volpe et al. (2025) indicam convergência dessas abordagens para fortalecer a TC.

Hofacker et al. (2024) ampliam análise preditiva do consumidor com métodos *bayesianos*, enquanto Christofi, Khan e Iaia (2024) impulsionam aplicação da teoria em mercados emergentes. Berberich e Allgöwer (2024) abordam modelagem preditiva para controle de sistemas desconhecidos, e Faulwasser et al. (2023) aprimoram modelos estocásticos para prever sistemas dinâmicos. Kumar et al. (2022) apresentam vieses cognitivos no mercado financeiro, Ribeiro-Rodrigues e Bortoleto (2024) analisam comportamento pró-ambiental, e Iovino et al. (2021) reforçam relevância da TC na promoção do engajamento emocional em ambientes educacionais. No Quadro 1, são apresentadas as lacunas teóricas encontradas.

A Teoria Comportamental (TC) evoluiu desde Thorndike (1890) até Zak (2025), necessitando atualização diante da tecnologia e neurociência, com lacunas na inovação responsável e na relação entre Neuroeconomia e decisões estratégicas (Thorndike, 1890; Pavlov, 1900; Watson, 1913; Skinner, 1930, 1953; Maslow, 1943; Bandura, 1960; Zak, 2025). O modelo teórico proposto integra comportamento organizacional, motivação e confiança, estruturando *Framework* adaptativo para padrões emergentes (Chang et al., 2021; Wu e Klingebiel, 2024; Hofacker et al., 2024; Xu et al., 2024).

**Quadro 1 – Lacunas da Teoria Comportamental (2021-2025)**

Defesa da Tese	Lacunas Teóricas	Autores
<b>Estado da Arte:</b> Evolução histórica da Teoria Comportamental desde Thorndike (1890) até Zak (2025).	Falta de estudos comparativos modernos entre diferentes paradigmas da teoria. Necessidade de atualização dos princípios comportamentais diante da influência da tecnologia e neurociência	Thorndike (1890), Pavlov (1900), Watson (1913), Skinner (1930, 1953), Maslow (1943), Simon (1947), Bandura (1960), Vroom (1964), Adams (1965), Herzberg (1970), McGregor (1980), Ouchi (1981), Zak (2025).
<b>Nível de Maturidade:</b> Aplicação da TC em contexto organizacional. Estudos empíricos demonstram estabilidade nos pressupostos comportamentais em ambientes organizacionais	Limitações no efeito cultura organizacional na inovação responsável. Impacto das novas tecnologias e IA na formação dos hábitos e decisões organizacionais	Mayo (1927), Barnard (1938), Rogers (1969), Christofi, Khan e Iaia (2024).
<b>Lacunas Geral:</b> Impacto da confiança no comportamento organizacional ainda não totalmente consolidado. Limites da TC ao explicar dinâmicas emergentes como inovação e sustentabilidade	Poucas pesquisas sobre relação entre Neuroeconomia e decisões estratégicas. Necessidade de integração da teoria com abordagens transdisciplinares, como neurociência e economia comportamental	Paul Zak (2025), Wu e Klingebiel (2024), Hofacker et al. (2024).
<b>Constructos</b> Relação entre estímulos, reforços positivos, liderança empática e expectativa comportamental. Modelos como aprendizado social, expectativa, equidade e evidências sobre evolução organizacional	Necessidade de testes empíricos que correlacionem constructos com efeito econômico e <i>frameworks</i> que relacionem comportamento, cultura e inovação organizacional	Herzberg (1970), McGregor (1980), Vroom (1964), Adams (1965), Rogers (1969), Maslow (1943).
<b>Pressupostos:</b> Hipóteses para testar influência da confiança organizacional na produtividade e comportamento	Estudos sobre efeito do aprendizado social na retenção organizacional, desempenho e inovação	Bandura (1960), Skinner (1930), Mayo (1927), Chang, Hu e Keliw (2021).
<b>Proposta de Framework:</b> Relação entre comportamento organizacional e Neuroeconomia, Relação entre motivação, inovação, aprendizado e confiança. Variáveis motivacionais, sociais e culturais	<i>Frameworks</i> multidisciplinares unindo inteligência emocional, comportamento organizacional e inovação tecnológica. Modelo adaptativo para explicar padrões comportamentais emergentes	Larionova, Stepanova e Shalina (2020), Xu et al. (2024), Volpe et al. (2025). Chang et al. (2021), Wu e Klingebiel (2024), Hofacker et al. (2024).

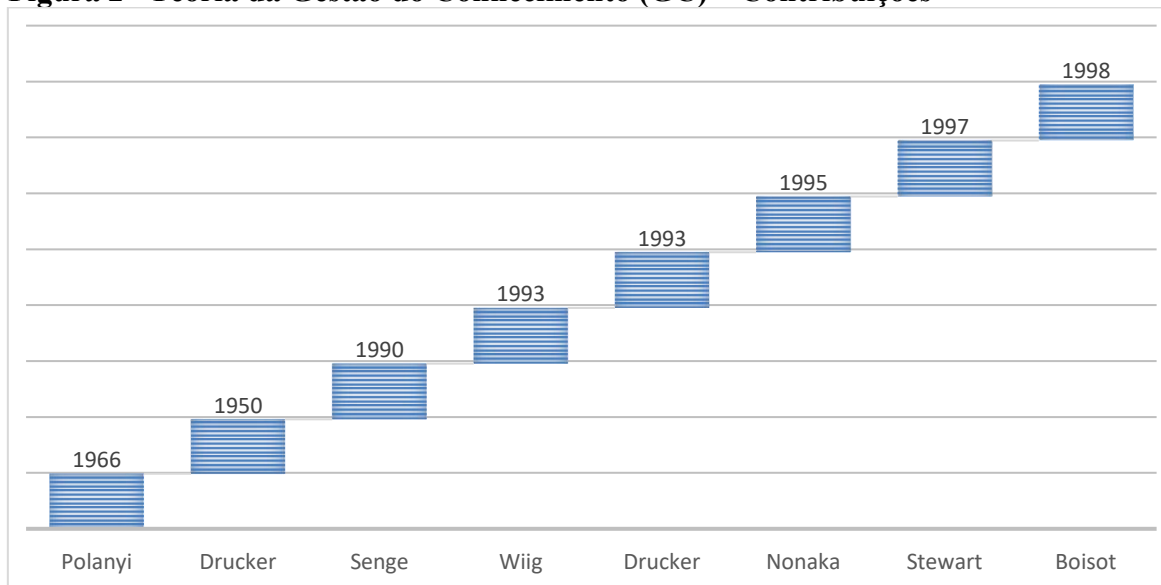
### 3.2 Teoria Moderna: Gestão do Conhecimento (GC)

Barros Neto (2025) destaca em sua obra que, a Teoria Moderna, com foco na Gestão do Conhecimento (GC), evoluiu a partir da distinção entre conhecimento tácito e explícito feita por Polanyi (1966). Drucker (1950) introduziu a Administração por Objetivos (MBO), enfatizando o conhecimento como recurso estratégico. Senge (1990) apresentou o conceito de organizações que aprendem, enquanto Wiig (1993) e Drucker (1993) reforçaram relevâncias do capital intelectual. Nonaka e Takeuchi (1995) desenvolveram Modelo SECI, detalhando conversão do conhecimento organizacional. Stewart (1997) e Boisot (1998) contribuíram para a categorização do conhecimento, conforme análise de Barros Neto (2025), apresentados na Figura 2.

Em estudo avançados, Omany e Ndiege (2023) investigaram integração com sistemas de aprendizagem, e Farooq (2023) relacionou o tema ao desempenho organizacional e à inovação estratégica. Cidade e Oliveira (2024) ressaltaram a comunicação organizacional como

essencial para propagar conhecimento, conforme estudo de Barros Neto (2025).

**Figura 2– Teoria da Gestão do Conhecimento (GC) – Contribuições**



Com base na literatura atual, a Gestão do Conhecimento (GC) e a Inteligência Emocional (IE) no ambiente acadêmico apresentam lacunas teóricas que impactam ações de extensão, que segundo Sarhadi et al. (2021) destacam efeitos na produtividade, enquanto Martins et al. (2024) evidenciam relevância estratégica para Pequenas e Médias Empresas (PMEs) de Tecnologia da Informação (TI). Gomes et al. (2024) exploram integração da GC com tecnologias digitais na gestão de projetos, e Cidade e Oliveira (2024) analisam sua relação com a comunicação organizacional. Marín e Afonso (2023) enfatizam o papel dos Sistemas de Gestão do Conhecimento (SGC) na estruturação acadêmica, enquanto Ramos et al. (2024) identificam barreiras à implementação em pequenas e médias empresas.

Além disso, Guzman et al. (2023) propõem métricas para mensurar a GC em instituições acadêmicas, enquanto Broccardo et al. (2025) exploram efeito do capital intelectual na formulação estratégica. García et al. (2023) destacam auditorias de conhecimento na estruturação organizacional, e Omany e Ndiege (2023) apontam lacunas na integração da GC com sistemas de aprendizagem. Farooq (2023) evidencia crescimento da área e influência na vantagem competitiva organizacional, reforçando necessidade de investigações sobre GC e IE na prática social e acadêmica.

Liu et al. (2025), Kotusev e Kurnia (2021) e Zhang, Zuo e Yang (2025) analisam a relação entre GC e tecnologias emergentes na inovação organizacional. Picado e González-Prida (2024), Edelmann e Albrecht (2023) e Liu et al. (2024) exploram desafios na implementação do conhecimento, enquanto Singh, Kukreja e Kumar (2023), Ferenhof et al. (2024) e Zhong et al. (2022) enfatizam a cocriação de valor e adaptação estratégica. Kör et al. (2022), Younas et al. (2022) e Chen e Xu (2022) abordam tendências de digitalização na educação. Apesar das convergências, há lacunas na interseção entre GC e IE discente na extensão acadêmica. Liu et al. (2025) e Zhang et al. (2025) discutem inovação sem aprofundar efeitos educacionais. Picado e González-Prida (2024) e Edelmann e Albrecht (2023) evidenciam desafios na aceitação social do conhecimento, sugerindo pesquisas sobre estratégias adaptativas para fortalecer inovação e engajamento estudantil, como apresentado do Quadro 2.

O campo da Gestão do Conhecimento (GC) evoluiu da distinção entre conhecimento tácito e explícito para modelos organizacionais modernos, como fatores sociais, psicológicos e tecnológicos (Polanyi, 1966; Nonaka e Takeuchi, 1995; Barros Neto, 2025). Apesar da consolidação da GC como estratégia organizacional, há lacuna na influência da Inteligência Emocional na academia e na adaptação digital das instituições (Sarhadi et al., 2021; Younas et

al., 2022; Omanyo e Ndiege, 2023).

**Quadro 2 – Lacunas Teoria Gestão do Conhecimento (2021-2025)**

Defesa da Tese	Lacunas Teóricas	Autores para cada contexto
<b>Estado da Arte:</b> A GC evoluiu a partir da distinção entre conhecimento tácito e explícito.	Evolução da GC de conhecimento tácito e explícito para modelos organizacionais modernos, integrando fatores sociais, psicológicos e tecnológicos.	Polanyi (1966), Drucker (1950), Senge (1990), Wiig (1993), Nonaka e Takeuchi (1995), Stewart (1997), Boisot (1998), Barros Neto (2025)
<b>Nível de Maturidade:</b> GC consolidada como conceito estratégico organizacional.	Relações interpessoais e estilos de liderança impactam inovação, produtividade e compartilhamento de conhecimento.	Martins et al. (2024), Guzman et al. (2023), Ramos et al. (2024), Broccardo et al. (2025), García et al. (2023)
<b>Lacuna Geral:</b> Impacto da GC e da Inteligência Emocional na produtividade.	Pouca evidência sobre a influência da Inteligência Emocional (IE) discente na GC acadêmica e necessidade de modelos integrados para cocriação de conhecimento	Sarhadi et al. (2021), Picado e González-Prida (2024), Edelman e Albrecht (2023)
<b>Constructos:</b> Modelos e conceitos que se relacionam para representar novas possibilidades de pesquisa.	Impacto da IA na GC requer estudos empíricos. Tendência de estudos voltados ao conhecimento acadêmico sobre aspectos emocionais e comportamentais.	Liu et al. (2025), Kotusev e Kurnia (2021), Zhang, Zuo e Yang (2025)
<b>Pressupostos:</b> Hipóteses que podem ser testadas para explicar relações entre constructos.	Pouca exploração da GC como mecanismo de gestão para adaptação digital organizacional.	Cidade e Oliveira (2024), Younas et al. (2022), Omanyo e Ndiege (2023)
<b>Proposta de Framework:</b> Estruturar e categorizar variáveis e relações fundamentais da GC.	Auditorias e metodologias híbridas são essenciais para fortalecer práticas institucionais e inovação estratégica.	Broccardo et al. (2025), García et al. (2023), Kör et al. (2022), Chen e Xu (2022)

**3.3 Teoria da Gestão de Pessoas: Teoria da Inteligência Emocional (IE)**

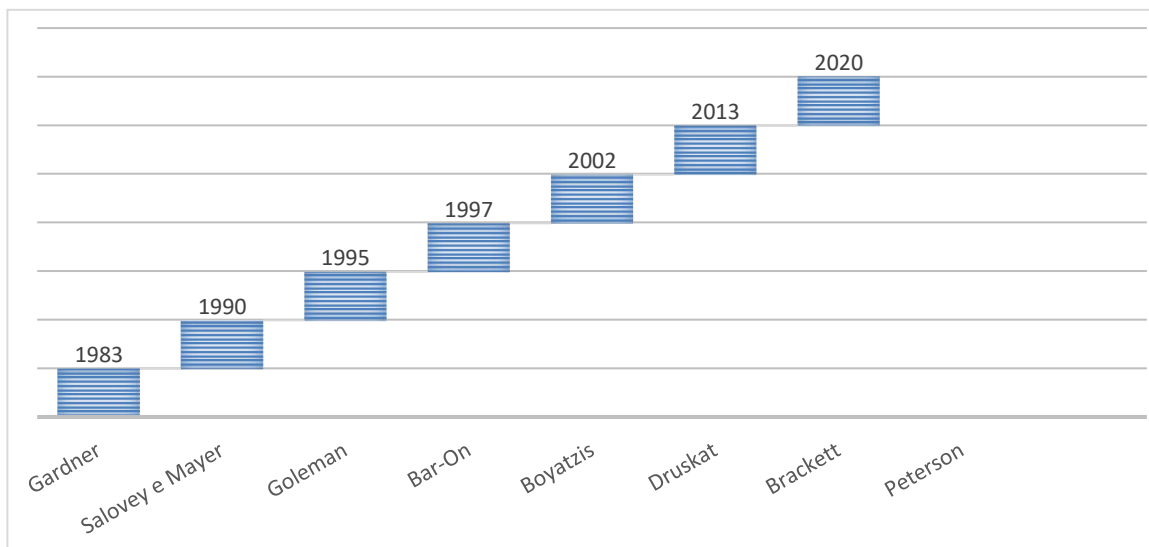
Barros Neto (2025) explora a evolução da Inteligência Emocional (IE), desde Thorndike (1920), com a inteligência social, até Gardner (1983) com inteligências múltiplas. Salovey e Mayer (1990) definiram IE como capacidade de perceber e regular emoções, enquanto Goleman (1995) destacou relevância na liderança. Bar-On (1997) criou modelo de avaliação, e Boyatzis (2002) aprofundou competências emocionais na gestão. Druskat (2013) analisou aplicação em equipes, Brackett (2020) enfatizou a educação emocional, e Peterson (2021) introduziu o conceito de "*Emotional Agility*" para adaptação em ambientes VUCA, consolidando a IE como fator estratégico na liderança e na organização, em síntese Barros Neto (2025), amplia a relevância no contexto profissional moderno, apresentados na Figura 3.

Em estudos atuais, Iryhina et al. (2020) destacam Inteligência Emocional (IE) como essencial na formação artística, alinhando-se à análise de Simamora (2021) sobre emoções futuras e motivação acadêmica. No entanto, Pérez-Díaz e Petrides (2021) indicam desafios e oportunidades para aprimorar aplicações na extensão universitária. Hang e Chen (2021) evidenciam que estratégias emocionais impactam docentes, enquanto Dong (2022) explora métodos objetivos, como Eletroencefalografia (EEG), técnica que mede atividade elétrica do cérebro, para avaliar estresse acadêmico, apontando lacuna na sistematização da IE para fortalecer a gestão do conhecimento.

Penet e Fernandez (2023) ampliam essa discussão ao examinar emoções no ensino de tradução, convergindo com Shengyao et al. (2024), que relacionam IE ao bem-estar e desempenho acadêmico. Özal, Ambrosini e Mancini (2025) indicam a necessidade de instrumentos específicos para avaliar a IE educacional, reforçando desafios na extensão

acadêmica.

**Figura 3 – Teoria da Inteligência Emocional (IE) – Contribuições**



Por fim, Lasekan, Godoy e Méndez-Alarcón (2025) e Dell’Aquila et al. (2025) abordam metodologias educacionais, conectando IE, formação docente e inovação tecnológica na aprendizagem, apresentados no Quadro 3 as lacunas encontradas.

**Quadro 3 – Lacunas Inteligência Emocional (2021-2025)**

Defesa da Tese	Lacunas Teóricas	Autores
<b>Estado da Arte:</b> Evolução da IE consolidando sua relevância no contexto organizacional.	Sistematização dos avanços da IE na educação e gestão.	Thorndike (1920), Gardner (1983), Salovey e Mayer (1990), Goleman (1995), Bar-On (1997), Boyatzis (2002), Brackett (2020), Peterson (2021), Barros Neto (2025).
<b>Nível de Maturidade:</b> IE é amplamente reconhecida, mas suas aplicações na educação e liderança ainda demandam validação científica.	Carência de instrumentos padronizados para medir efeitos em diferentes áreas.	Iryhina et al. (2020), Simamora (2021), Pérez-Díaz e Petrides (2021), Hang e Chen (2021), Dong (2022).
<b>Lacuna Geral:</b> Falta de articulação teórica para integrar IE com modelos de aprendizagem e desenvolvimento organizacional.	Poucos estudos relacionam IE com metodologias educacionais e inovação na aprendizagem.	Penet e Fernandez (2023), Shengyao et al. (2024), Özal, Ambrosini e Mancini (2025).
<b>Constructos:</b> Modelos de avaliação e competências emocionais aplicados à gestão e ensino.	Desafios em adaptar modelos existentes para novos ambientes acadêmicos e corporativos.	Lasekan, Godoy e Méndez-Alarcón (2025), Dell’Aquila et al. (2025).
<b>Pressupostos:</b> IE impacta diretamente motivação, produtividade e relações interpessoais em ambientes educacionais e corporativos.	Necessidade de testes empíricos para validar relação entre IE e desempenho acadêmico/profissional.	Dell’Aquila et al. (2025), Simamora (2021), Iryhina et al. (2020), Goleman (1995), Boyatzis (2002), Brackett (2020), Peterson (2021), Dong (2022), Shengyao et al. (2024).
<b>Proposta de Framework:</b> Estruturação da IE como fator estratégico na liderança e educação, categorizando variáveis e relações fundamentadas.	Modelo integrado que considere IE, formação docente e inovação tecnológica.	Barros Neto (2025), Dell’Aquila et al. (2025), Penet e Fernandez (2023), Özal, Ambrosini e Mancini (2025), Iryhina et al. (2020), Simamora (2021), Pérez-Díaz e Petrides (2021).

O Quadro 3, sintetiza a evolução da Inteligência Emocional (IE) até aplicações contemporâneas, evidencia relevância na gestão acadêmica, conforme obra de Barros Neto (2025). No entanto, estudos como Pérez-Díaz e Petrides (2021) e Hang e Chen (2021) sinalizam lacunas na sistematização da IE na extensão universitária, reforçando desafios e oportunidades para inovação metodológica e efeitos na formação discente.

#### 4 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E REGRAS LEGAIS

A extensão universitária é regulamentada no Brasil pela Resolução nº 7/2018 do Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão colegiado vinculado ao Ministério da Educação (MEC), responsável por definir e avaliar diretrizes educacionais. A Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, estabelece 10% da carga horária dos cursos de graduação deve ser destinada para atividades de extensão, articulando práticas educacionais de ensino entre a sociedade (Superior, 2024; Brasil, 2024). A Lei nº 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Constituição de 1988 reconhecem extensão universitária como essencial na formação acadêmica, enquanto a Lei nº 15.001/2024 aprimora a transparência na execução dessas políticas, reforçando seu impacto social e educacional (Superior, 2024; Brasil, 2024).

Com base em estudos analisados entre (2022-2025) entende-se que a evolução da extensão universitária tem sido marcada pela curricularização, consolidando-se como processo de transformação acadêmica e social (Spatti et al., 2023; Araújo, 2022). A integração da extensão ao ensino superior fortalece a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ampliando relevância institucional e comunitária (Junior et al., 2024; Zavala, 2023; Lucas et al., 2023). No entanto, desafios na gestão do conhecimento e na avaliação dos impactos persistem, exigindo sistematização metodológica (Miguel et al., 2023; Alvarez, 2024). A inclusão de aprendizagem experiencial e metodologias ativas no ensino fortalece as relações entre universidades e sociedade, promovendo práticas extensionistas inovadoras (Novaes, 2025; Vidal, 2024; Quinn, 2024).

**Quadro 4 – Lacunas Extensão Universitária (2021-2025)**

Extensão Universitária	Lacunas teóricas	Autores
<b>Estado da Arte:</b> A EU é um pilar da formação acadêmica no Brasil, consolidado por legislações como a Constituição de 1988, LDB (Lei nº 9.394/1996) e a Resolução nº 7/2018 do CNE.	Ausência de estudos sistematizados sobre efeito longitudinal da extensão universitária na formação e desenvolvimento acadêmico dos estudantes.	Spatti et al. (2023), Araújo (2022), Superior (2024), Brasil (2024).
<b>Nível de Maturidade:</b> A curricularização da extensão fortalece a integração entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo interação social.	Efeitos institucionais da curricularização na transformação das práticas pedagógicas.	Junior et al. (2024), Zavala (2023), Lucas et al. (2023), Miguel et al. (2023), Alvarez (2024).
<b>Lacuna Geral:</b> Persistem desafios na sistematização metodológica e avaliação dos efeitos das atividades extensionistas.	Carência de instrumentos padronizados para mensuração da eficácia da extensão universitária.	Miguel et al. (2023), Alvarez (2024), Fassio et al. (2021), Souza e Cardoso (2024), Arguelles et al. (2023).
<b>Constructos:</b> Modelos e conceitos relacionados à aprendizagem experiencial e metodologias ativas impulsionam inovação na extensão.	Poucas pesquisas correlacionam metodologias ativas e extensão como vetores de transformação social.	Novaes (2025), Vidal (2024), Quinn (2024), Gordo e Rodríguez (2023), la Cruz et al. (2023).
<b>Pressupostos:</b> Hipóteses sobre a extensão	Participação feminina na extensão e seus efeitos na produção acadêmica.	Silva (2024), Hinkel (2024), Menoni (2023), Mattos (2023), Lucas (2023),

<b>Extensão Universitária</b>	<b>Lacunas teóricas</b>	<b>Autores</b>
universitária como ferramenta de democratização do conhecimento e efeito comunitário.		Moreira (2022), Araújo (2022), Diniz (2022).
<b>Proposta de <i>Framework</i></b> Estruturação e categorização das variáveis e relações entre extensão, gestão institucional e políticas públicas.	Articular extensão e inovação curricular para legitimar a função social da universidade.	Alvarez et al. (2024), Souza e Cardoso (2024), Arguelles et al. (2023), Gordo e Rodríguez (2023), la Cruz et al. (2023), Martins e Knox (2023), Miguel (2023), Denny (2022), Leonardi (2021).

Por outro lado, a participação feminina na extensão universitária contribui para a democratização do conhecimento, mas ainda enfrenta obstáculos institucionais (Silva, 2024; Hinkel, 2024; Menoni, 2023; Mattos, 2023). A necessidade de articular extensão e inovação curricular reflete relevância para legitimar a função social da universidade, bem como efeitos positivos das práticas acadêmicas no desenvolvimento comunitário (Lucas, 2023; Moreira, 2022; Araújo, 2022; Diniz, 2022). A avaliação da extensão também requer instrumentos eficazes, evidenciando relevância da comunicação educacional e do reconhecimento institucional (Denny, 2022; Leonardi, 2021; Fassio et al., 2021). A relação entre gestão extensionista e políticas públicas destaca desafios na formulação de estratégias sustentáveis e inclusivas, fundamentais para a ampliação dos efeitos da universidade na sociedade (Alvarez et al., 2024; Souza e Cardoso, 2024; Arguelles et al., 2023; Gordo e Rodríguez, 2023; la Cruz et al., 2023; Martins e Knox, 2023; Miguel, 2023), apresentadas no Quadro 4, as lacunas.

O Quadro 4 evidencia relevância da extensão universitária na formação acadêmica e social, consolidada por legislações como Constituição de 1988, LDB (Lei nº 9.394/1996) e Resolução nº 7/2018 do CNE (Spatti et al., 2023). No entanto, persistem desafios metodológicos, como necessidade de instrumentos padronizados para mensuração da eficácia da extensão (Miguel et al., 2023), além de lacunas teóricas como evidências para fortalecer aplicabilidade e efeito institucional na inovação curricular e legitimando da função social (Junior et al., 2024; Alvarez, 2024; Souza e Cardoso, 2024).

## 5 DISCUSSÃO: VISÃO GERAL TEÓRICA

A Teoria Comportamental (TC) evidencia a relação entre comportamento e Gestão do Conhecimento (GC), destacando efeitos sob Inteligência Emocional (IE) discente na extensão acadêmica. Xu et al. (2024) apontam que introduzir IA pode equilibrar inovação e bem-estar estudantil, enquanto Wang et al. (2024) alertam sobre riscos da sobrecarga informacional na capacidade emocional discente. Volpe et al. (2025) reforçam necessidade de estratégias educacionais adaptativas para promover desenvolvimento emocional discente. Paralelamente, Aguilar-Hernández et al. (2023) e Barros Neto (2025) argumentam que integrar conhecimento fortalece o engajamento emocional e organizacional, impulsionando colaboração e resultados institucionais.

A Gestão do Conhecimento (GC), por sua vez, desempenha papel central na formação dos discentes na extensão acadêmica, interligando inovação e inteligência emocional. Liu et al. (2025) e Zhang et al. (2025) indicam que a tecnologia auxilia na adaptação estratégica do conhecimento, enquanto Picado e González-Prida (2024) e Edelman e Albrecht (2023) discutem desafios na aceitação social da GC. Guzman et al. (2023) e Broccardo et al. (2025) sugerem métricas para avaliar efeito do capital intelectual, enquanto Ramos et al. (2024) e Farooq (2023) expõem barreiras na implementação da GC e papel na inovação organizacional. Além disso, Cidade e Oliveira (2024) ressaltam relevância da comunicação organizacional, enquanto Ományo e Ndiege (2023) apontam lacunas na integração de GC com sistemas de aprendizagem, reforçando a necessidade de alinhar tecnologia e ensino.

A Inteligência Emocional (IE) também está conectada à GC e ao comportamento discente na extensão acadêmica (Barros Neto, 2025). Dong (2022) utiliza Eletroencefalografia (EEG) para avaliar estresse acadêmico, identificando desafios na sistematização da IE. Shengyao et al. (2024) relacionam a IE ao bem-estar e ao desempenho estudantil, enquanto Özal, Ambrosini e Mancini (2025) propõem modelos específicos de avaliação, como competências emocionais e indicadores de autorregulação emocional. Outros estudos, como de Penet e Fernandez (2023), exploram emoções no ensino de tradução, convergindo com pesquisas de Lasekan, Godoy e Méndez-Alarcón (2025) e Dell'Aquila et al. (2025), que investigam a integração da IE com inovação tecnológica e formação docente.

Por fim, a Extensão Acadêmica se consolida como interações que geram efeito significativo. Entre 2022 e 2025, estudos demonstram que a IE dos discentes na extensão acadêmica é influenciada diretamente pelo comportamento estudantil e pela GC (Araújo, 2022; Moreira, 2022; Diniz, 2022). A curricularização da extensão tem sido fundamental para integração entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo competências socioemocionais (Leonardi, 2021; Fassio et al., 2021; Denny, 2022). No entanto, desafios na sistematização metodológica e avaliação de efeito ainda persistem (Miguel et al., 2023; Alvarez, 2024). Além disso, a participação feminina contribui para a democratização do conhecimento e avanço da formação acadêmica, embora barreiras institucionais existam (Silva, 2024; Hinkel, 2024; Menoni, 2023), com mostra o Quadro 5.

#### **Quadro 5 – Discussão Teórica**

<b>Teorias</b>	<b>Resposta aos Objetivos</b>	<b>Autores</b>
Teoria Comportamental (TC)	O comportamento e a GC podem influenciar diretamente a IE discente na extensão acadêmica. Estratégias adaptativas auxiliam no desenvolvimento emocional e na redução de sobrecarga informacional.	Xu et al. (2024); Wang et al. (2024); Volpe et al. (2025); Aguilar-Hernández et al. (2023); Barros Neto (2025)
Gestão do Conhecimento (GC)	A GC pode contribuir para a IE dos discentes. Inovação tecnológica facilita adaptação estratégica do conhecimento, embora desafios na aceitação e integração social persistam.	Liu et al. (2025); Zhang et al. (2025); Picado e González-Prida (2024); Edelman e Albrecht (2023); Guzman et al. (2023); Broccardo et al. (2025); Ramos et al. (2024); Farooq (2023); Cidade e Oliveira (2024); Omany e Ndiege (2023)
Inteligência Emocional (IE)	A IE abrange influência comportamental e GC na extensão acadêmica. Modelos de competências emocionais e indicadores de autorregulação emocional podem auxiliar na sistematização da IE e no bem-estar estudantil.	Barros Neto (2025); Dong (2022); Shengyao et al. (2024); Özal, Ambrosini e Mancini (2025); Penet e Fernandez (2023); Lasekan, Godoy e Méndez-Alarcón (2025); Dell'Aquila et al. (2025)
Extensão Acadêmica	A IE na extensão acadêmica pode ser influenciada pelo comportamento discente e GC. Curricularização da extensão fortalece competências socioemocionais, apesar de desafios na sistematização metodológica e avaliação de efeitos.	Araújo (2022); Moreira (2022); Diniz (2022); Leonardi (2021); Fassio et al. (2021); Denny (2022); Miguel et al. (2023); Alvarez (2024); Silva (2024); Hinkel (2024); Menoni (2023)

A Inteligência Emocional (IE) dos estudantes na extensão acadêmica pode ser moldada por dois fatores principais: o comportamento discente e a gestão do conhecimento, promovendo adaptação e bem-estar estudantil (Xu et al., 2024; Wang et al., 2024; Liu et al., 2025; Barros Neto, 2025; Araújo, 2022). Apesar dos avanços, desafios na aceitação social e na sistematização metodológica persistem (Edelman e Albrecht, 2023; Miguel et al., 2023; Alvarez, 2024).

## **6 ANÁLISES INTEGRADAS DOS PERIÓDICOS**

A relação Gestão do Conhecimento (GC) e Inteligência Emocional (IE) na extensão acadêmica apresenta desafios institucionais e oportunidades para inovação educacional.

Estudos indicam estratégias emocionais como eficazes (Andrade, 2025; Christofi, Khan e Iaia, 2024) formação discente em mercados emergentes ao integrar modelagem preditiva e compreensão de vieses cognitivos na tomada de decisão acadêmica (Berberich e Allgöwer, 2024; Kumar et al., 2022) são fundamentais.

A GC na educação enfrenta obstáculos teóricos e práticos, como aceitação social e impacto socioemocional (Picado e González-Prida, 2024; Edelman e Albrecht, 2023). Tecnologias emergentes (Liu et al., 2025; Zhang et al., 2025) e digitalização (Kör et al., 2022; Younas et al., 2022; Chen e Xu, 2022) surgem como ferramentas para fortalecer o engajamento estudantil e promover inovação organizacional.

A IE tem avançado significativamente na extensão universitária, especialmente no impacto do comportamento discente e na gestão do conhecimento (Dong, 2022; Hang e Chen, 2021). Metodologias estruturadas (Shengyao et al., 2024; Lasekan, Godoy e Méndez-Alarcón, 2025; Dell'Aquila et al., 2025) são essenciais para formação emocional dos estudantes e avanço do desempenho acadêmico.

Na extensão, a integração entre comportamento discente e GC favorece o desenvolvimento das competências socioemocionais (Spatti et al., 2023; Araújo, 2022). Metodologias ativas e aprendizagem experiencial fortalecem relação entre universidade e sociedade (Novaes, 2025; Vidal, 2024). Além disso, desafios como inclusão feminina e sustentabilidade das estratégias extensionistas (Silva, 2024; Hinkel, 2024) reforçam políticas acadêmicas inclusivas, que podem fortalecer a relação entre teoria comportamental e gestão do conhecimento, potencializando a inteligência emocional discente e ampliando sua capacidade adaptativa. Identifica-se avanços teóricos sobre práticas extensionistas, resiliência organizacional e políticas inclusivas, porém sem correlação direta, como mostra o Quadro 6.

**Quadro 6 – Análises Integradas dos Periódicos**

Teorias	Achados	Autores
Teoria Comportamental (TC)	Influência comportamental na construção da IE dos discentes na extensão acadêmica	Andrade (2025); Christofi, Khan e Iaia (2024); Dong (2022); Hang e Chen (2021)
Gestão do Conhecimento (GC)	Efeito da GC no desenvolvimento das competências socioemocionais em atividades de extensão	Liu et al. (2025); Zhang et al. (2025); Kör et al. (2022); Younas et al. (2022); Chen e Xu (2022)
Inteligência Emocional (IE)	Estratégias emocionais eficazes contribuem para a formação discente e tomada de decisão acadêmica	Berberich e Allgöwer (2024); Kumar et al. (2022); Shengyao et al. (2024); Lasekan, Godoy e Méndez-Alarcón (2025); Dell'Aquila et al. (2025)
Extensão acadêmica	Metodologias ativas e aprendizagem experiencial fortalecem relação entre universidade e sociedade	Novaes (2025); Vidal (2024); Spatti et al. (2023); Araújo (2022)

A Gestão do Conhecimento (GC) e a Teoria Comportamental (TC) com foco nos discentes demonstram efeitos diretos na construção da Inteligência Emocional (IE) na extensão acadêmica, reforçando inovação educacional e engajamento estudantil (Andrade, 2025; Christofi et al., 2024; Novaes, 2025; Vidal, 2024). Metodologias ativas e estratégias emocionais possibilitam aprimorar competências socioemocionais, fortalecendo relação entre universidade e sociedade (Dong, 2022; Hang e Chen, 2021; Spatti et al., 2023; Araújo, 2022).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria Comportamental (TC) aborda a tomada de decisão organizacional sob a perspectiva de racionalidade limitada e informações subjetivas, destacando que o contexto influencia diretamente as escolhas institucionais (Wu e Klingebiel, 2024). Dentro da extensão acadêmica, observa-se que as lacunas relacionadas ao comportamento discente e à Gestão do Conhecimento (GC) impactam significativamente a Inteligência Emocional (IE), reforçando a

necessidade de compreender esses fatores no desenvolvimento educacional.

Com relação à influência comportamental na construção da Inteligência Emocional dos discentes, estudos apontam que o engajamento acadêmico e a autorregulação emocional fortalecem o aprendizado e promovem equilíbrio psicológico (Rodrigues et al., 2023). Os modelos de competências emocionais demonstram que a IE contribui para a adaptação dos estudantes aos desafios acadêmicos, evidenciando que práticas comportamentais eficazes resultam em resiliência e participação ativa em atividades extensionistas (Silva e Santos, 2022).

A Gestão do Conhecimento também apresenta efeito relevante no desenvolvimento das competências socioemocionais dos discentes. A implementação de estratégias voltadas para a integração de ensino e inovação favorece a construção de formação holística (Ferreira e Lima, 2021). Contudo, desafios como sobrecarga informacional e resistência à adoção de tecnologias emergem como barreiras na aplicabilidade dessas iniciativas dentro do contexto da extensão acadêmica (Pereira, 2023).

As evidências coletadas indicam que tanto o comportamento quanto a GC possuem influência direta sobre a formação discente e o aprimoramento da IE no contexto extensionista. As metodologias estruturadas e estratégias emocionais revelam que a IE representa diferencial significativo na experiência universitária, preparando discentes para demandas educacionais e profissionais (Carvalho, 2024). Apesar dos avanços teóricos, observa-se necessidade de integrar políticas inclusivas e metodologias inovadoras no ensino superior.

Algumas lacunas de pesquisa necessitam de estudos, sobre a relação entre metodologias pedagógicas que aprimorem a IE, bem como efeitos da digitalização do conhecimento na aprendizagem socioemocional. Sugere-se evidenciar a inclusão acadêmica e desafios institucionais para implementação eficaz da GC, visando ampliar acesso à formação socioemocional. A sustentabilidade das estratégias extensionistas surge como iniciativa para aprimorar a educação superior e preparar discentes para desafios atuais.

Por fim, este estudo propõe um *framework* teórico que oriente na formulação de diretrizes à promoção do engajamento discente e à indução de respostas emocionais, desenvolvido a partir das lacunas identificadas na literatura e sustentado por metodologia sistemática e evidências empíricas.

Este estudo oferece contribuições teóricas ao explorar a Teoria Comportamental e a Gestão do Conhecimento na Inteligência Emocional discente; contribuições práticas ao evidenciar estratégias de ensino e extensão acadêmica que favorecem a formação socioemocional dos estudantes; contribuições sociais ao sinalizar os efeitos da Inteligência Emocional na adaptação e no engajamento acadêmico; e contribuições para políticas públicas ao reforçar a importância de metodologias inovadoras no desenvolvimento socioemocional no ensino superior. Como limitação, apontam-se restrições na diversidade da amostra e desafios na aplicação da Gestão do Conhecimento no contexto extensionista.

## REFERÊNCIAS

- Aguilar-Hernández, P. A., Acosta-Tzin, J. V., Raudales-García, E. V., Andino-González, P., e Sarmiento-Matute, R. E. (2023). Factores de influencia en la calidad de vida laboral según la Teoría del Comportamiento Organizacional: análisis bibliométrico. *Telos*, 25(3), 638-656.  
DOI: <https://doi.org/10.36390/telos253.06>
- Andrade, K. B. (2025). A teoria comportamental e a implementação da Nova Lei de Licitações e Contratos Administrativos (Lei nº 14.133/2021): um estudo sobre adaptação e capacitação no município de Itaúna/MG. Acesso: <https://rii.ufam.edu.br/handle/prefix/8435>
- Alvarez, Y. R., Ruizcalderón, M. V., Bencomo, O. A., e Valdés, A. R. (2024). Sistematização sobre a extensão universitária como processo de formação. *Revista Conrado*, 20(99), 118-130
- Araújo, R. S. D., e Cruz, P. J. S. C. (2022). Reflexões epistemológicas sobre a extensão universitária: contribuições ao diálogo de saberes. *Linhas Críticas*, 28.  
DOI: <https://doi.org/10.26512/lc28202236816>

Arguelles, J. J. I., Gómez, C. E. I., e Rodríguez, R. C. (2023). Interação entre extensão universitária e inovação curricular: Uma perspectiva colaborativa e co-criativa no ensino superior. *Revista Conrado*, 19, 469-481.

Barros, N. J. P. (2025). *Teorias da Administração: Das Origens às Tendências Contemporâneas*. São Paulo: Freitas Bastos.

Berberich, J., e Allgöwer, F. (2024). An overview of systems-theoretic guarantees in data-driven model predictive control. *Annual Review of Control, Robotics, and Autonomous Systems*, 8.

Brasil. (2024). Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Atualizada até a Emenda Constitucional nº 135, de 20 de dezembro de 2024. Brasília: Supremo Tribunal Federal. Disponível em Constituição Federal. Acesso: [Supremo Tribunal Federal](https://www.stf.jus.br/portal/constituicao)

Broccardo, L., Ballesio, E., Yaqub, M. Z., e Mohapatra, A. K. (2025). A bridge to success: the role of management accountants' intellectual capital in driving organizational decision-making through knowledge management. *Journal of Knowledge Management*.

Cidade, D. F., e Oliveira, M. (2024). The interaction between organizational communication and knowledge management: A systematic literature review. *Knowledge and Process Management*, 31(2), 157-168. DOI:10.1002/kpm.1770

Chang, W. J., Hu, D. C., e Keliw, P. (2021). Organizational culture, organizational citizenship behavior, knowledge sharing and innovation: a study of indigenous people production organizations. *Journal of Knowledge Management*, 25(9), 2274-2292.

Chen, Y., e Xu, Y. (2022). Influencing factors of knowledge enhancement of corporate universities in china. *Kybernetes*, 51(4), 1555-1583. DOI: <https://www.emerald.com/insight/0368-492X.htm>

Christofi, M., Khan, H., e Iaia, L. (2024). Responsible innovation in Asia: A systematic review and an agenda for future research. *Asia Pacific Journal of Management*, 41(3), 1085-1127.

Dassoler, FE, Trierweiler, AC, Ferenhof, HA, Konrath, AC, e Vincenzi, SL (2023). Indicadores da terceira missão universitária: perspectivas para medir as contribuições das universidades para a sociedade. *Educação em Revista*, 39, e36619. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469836619t>

Dell'Aquila, E., Ponticorvo, M., e Limone, P. (2025). Psychological Foundations for Effective Human-Computer Interaction in Education. *APPLIED SCIENCES-BASEL*, 15(6).

Denny, M. D., e Ellard, Massachusetts. (2022). Desenvolvimento de instrumento para avaliar a influência da conferência de extensão nos resultados pretendidos. *Revista de Extensão*, 60(1). DOI: <https://doi.org/10.34068/joe.60.01.05>

Diniz, L. F. A. C., de Sousa, G. M. C., e de Souza, D. M. O. R. (2022). Percepções sobre a extensão por professores e egressos. *Educação*, 47, 1-31. DOI: <http://dx.doi.org/105902/198464463197>

Dong, J. (2022). Analysis of Emotional Stress of Teachers in Japanese Teaching Process Based on EEG Signal Analysis. *Occupational Therapy International*, 2022(1), 2593338.

Edelmann, N., e Albrecht, V. (2023). The Policy Cycle: a framework for knowledge management of practitioners' expertise and role in participatory processes. *Frontiers in Political Science*, 5, 1223013.

Farooq, R. (2023). Knowledge management and performance: a bibliometric analysis based on Scopus and WOS data (1988–2021). *Journal of Knowledge Management*, 27(7), 1948-1991.

Faulwasser, T. et al. (2023). Behavioral theory for stochastic systems? A data-driven journey from Willems to Wiener and back again. *Annual Reviews in Control*, 55, 92-117.

Fassio, A. N., Ruddy, M. G., e Maroscia, C. (2021). Aprendizagem e inovação em organizações da sociedade civil e parceiros universitários em programas de extensão universitária. *Revista Internacional de Organizações*, 25-26, 103-123.

Ferenhof, H. A., Bonamigo, A., Rosa, L. G., e Vieira, T. C. (2024). Theoretical B2B knowledge management framework focused on value co-creation. *VINE Journal of Information and Knowledge Management Systems*, 54(2), 424-451. DOI: 10.1108/VJIKMS-10-20210239

García Rodríguez, Z., Olivera Batista, D., e Díaz Jiménez, A. (2023). Knowledge audits: a challenge for knowledge management in universities. *E-Ciencias de la Información*, 13(1), 1-18.

Gordo, M. F., e Rodríguez, C. L. B. (2023). Gestão da extensão em universidades públicas mexicanas: Polisssemia e heterogeneidade da função substantiva. *Revista Eletrônica Calidad em la Educación Superior*, 14, 185-229.

Guzman, J. H. E., et al., (2023). Determining elements used to measure knowledge management in higher education institutions' research divisions. *Procedia Computer Science*, 224, 538-543.

Hang, L., e Chen, M. T. (2021). Construction of College Teachers' emotional labor strategy model based on emotional intelligence theory. In E3S Web of Conferences (Vol. 228, p. 01001). EDP Sciences.

Hinkel, J., Fronza, C. S., e de Assis, N. (2024). Educação popular, economia solidária e reforma psiquiátrica: Interfaces de um programa de extensão universitária. *Educação e Formação*, 9.

Hofacker, C. F., Nguyen, H. N., e Fina, M. (2024). Bayesian inference and consumer behavioral theory. *Psychology e Marketing*, 41(12), 3144-3156. DOI: 10.1002/mar.22095

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: Acesso em: 10/12/2015.

Iovino, E. A., Koslouski, J. B., e Chafouleas, S. M. (2021). Teaching simple strategies to foster emotional well-being. *Frontiers in psychology*, 12, 772260. DOI: 10.3389/fpsyg.2021.772260

Iryhina, S. O., Sbruieva, A., e Chistiakova, I. M. (2020). Implementation of emotional intelligence theory in future musical art teachers training. DOI: <http://dx.doi.org/10.7596/taksad.v9i2.2575>

Junior, L. S. C., e Vils, L (2022). A influência das inteligências emocional e cultural no sucesso dos projetos, um estudo quantitativo.

José Lopes Gomes, R., Ferreira da Silva, L., Rezende da Costa, P., e Gonçalves de Oliveira, P. S. (2024). Digital technologies and knowledge management in project context: a systematic literature review. *Knowledge Management Research e Practice*, 1-16.

Kör, B., Mutlutürk, M., e Caniëls, M. C. (2022). Analysing and the trends in knowledge management: towards a normative knowledge management framework. *International Journal of Knowledge Management Studies*, 13(1), 1-32.

Kotusev, S., e Kurnia, S. (2021). The theoretical basis of enterprise architecture: A critical review and taxonomy of relevant theories. *Journal of Information Technology*, 36(3), 275-315.

Kumar, S., Rao, S., Goyal, K., e Goyal, N. (2022). Journal of Behavioral and Experimental Finance: A bibliometric overview. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 34, 100652.

la Cruz, R., Padilla, T. J., e Reyes, O. G. (2023). Impactos das ações executadas nas publicações de artigos científicos em campus universitário cubano. *Revista Brasileira de Educação do Campo – Revista Brasileira de Educação Rural*.

Lasekan, O., Godoy, M., e Méndez-Alarcón, C. (2025). Integrating emotional vocabulary in EFL education: a model for enhancing emotional intelligence in pre-service EFL teachers. *Frontiers in Psychology*, 15, 1508083. DOI: 10.3389/fpsyg.2024.1508083

Larionova, V., Stepanova, N., e Shalina, D. (2020). Management games: organizational behavior and emotional intelligence. *European Proceedings of Social and Behavioural Sciences*, 98.

Leonardi, F. G., Assumpção, R. P. S., Pontes, B. F., e Cardoso, N. T. (2021). Sistematização de experiências e extensão universitária: a práxis freiriana vivenciada pelo projeto “Cultura da Palavra e Saúde Mental” da Universidade Federal de São Paulo. *Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp*, 9(3). ISSN 2317-7853

Liu, J., Khamaksorn, A., Hansapinyo, C., e Majumdar, A. (2025). A knowledge management and innovation diffusion framework for bamboo building design and construction: A systematic literature review. *Advances in Bamboo Science*, 100145.

Liu, W., Liu, Y., Zhu, X., Nespoli, P., Profita, F., Huang, L., e Xu, Y. (2024). Digital entrepreneurship: towards a knowledge management perspective. *Journal of Knowledge Management*, 28(2), 341-354. DOI: 10.1108/JKM-12-2022-0977

Lucas, A. C., Leite, J. P. D., e de Sousa, R. R. (2023). Curricularização da extensão universitária: A experiência do programa de administração pública da FCA UNICAMP. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, 28. DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/cgpc.v28.88038>

Lucas, A. C., Leite, J. P. D. A., Gonçalves Junior, O., Noije, P. V., e Sousa, R. R. D. (2023). Curricularização da extensão: a experiência do curso de Administração Pública da Faculdade de Ciências Aplicadas UNICAMP. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, 28, e88038.

Martins, J. A., e Knox, W. (2023). Desafios para a comunicação educacional em experiências de políticas públicas. *Periferia*, 15;

Martins, J. N., Bravo, J. M., e Martins, J. M. (2024). Mapping the Scientific Landscape of Knowledge Management in IT SMEs: A Bibliometric Analysis. *International Journal of Innovation and Technology Management*, 21(07), 2430006.

Marín, G. N., e Alfonso, I. M. (2023). Metodología de implementación de proyectos de Sistemas de

Gestión de Conocimiento. *Project Desing and Management*, 5(2).

Mattos, S. J., e Sá, E. (2023). Desempenho feminino em extensão universitária na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). *Educação e Formação*, 8. DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v8.e11635>

Meneghetti, Francis Kanashiro. (2011). O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 320-332. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>

Menoni, A. C., e Flores, M. G. (2023). Novas tendências em engajamento comunitário e extensão universitária em universidades latino-americanas: Chile, México, Uruguai e redes regionais. *Intercâmbios – Dilemas e Transições da Educação Superior*, 10(1), 46-61. DOI: <https://doi.org/10.15517/revedu.v48i2.58180>

Miguel, J. C. (2023). Curricularization of university extension in the context of the social function of the university. *Revista Práxis Educacional*, 19(50). Acesso: <https://www-webofscience-com.ez151.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:001069399400010>

Moreira, J. (2022). Extensão universitária libertadora como um lugar de resistência. *EccoS – Revista Científica*, 61. Acesso: <https://doi.org/10.5585/eccos.n61.15785>

Novaes, A. L. (2025). Participatory and experiential learning methodologies in university extension programs: integration proposal using an application to promote climate action initiatives and active learning. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, (ahead-of-print). DOI:10.1108/IJSHE-08-2024-0525

Omanyó, J. O., e Ndiege, J. R. (2023). Knowledge management considerations in learning management systems in higher education institutions: A systematic review, synthesis and research agenda. *VINE Journal of Information and Knowledge Management Systems*.

O. Junior, O. F. D., e Espejo, M. M. D. S. B. (2024). Extensão Universitária: Uma Análise do Estado da Arte Sobre A Relação Entre Universidade e Sociedade Visando a Inclusão Social. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 25(2).

Özal, Z., Ambrosini, F., e Mancini, G. (2025). Explorando a inteligência emocional em crianças usando o questionário de traços de inteligência emocional: uma revisão sistemática. Editora Acadêmica. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40359-024-02094-w>

Penet, J. C., e Fernandez-Parra, M. (2023). Dealing with students' emotions: exploring trait EI theory in translator education. *The Interpreter and Translator Trainer*, 17(3), 332-352. DOI: <https://doi.org/10.1080/1750399X.2023.2237327>

Pérez-Díaz, P. A., e Petrides, K. V. (2021). The Spanish-Chilean trait emotional intelligence questionnaire-short form: The adaptation and validation of the TEIQue-SF in Chile. *Journal of personality assessment*, 103(1), 67-79. DOI: <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1692856>

Peterson, DB (2021). O DNA do VUCA: Uma estrutura para desenvolver agilidade de aprendizagem em um mundo em aceleração. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190085353.003.0013>

Picado Argüello, B., e González-Prida, V. (2024). Integrating Change Management with a Knowledge Management Framework: A Methodological Proposal. *Information*, 15(7), 406. DOI: <https://doi.org/10.3390/info15070406>

Quinn, K. J., Kapp, J. M., e Hoffman, K. G. (2024). Reimaginando o papel da universidade na saúde e no bem-estar das pessoas que atende. *Avaliação e Planejamento de Programas*, 106. Acesso: journal homepage: [www.elsevier.com/locate/evalprogplan](http://www.elsevier.com/locate/evalprogplan)

Ramos Cordeiro, E., Lermen, F. H., Mello, C. M., Ferraris, A., e Valaskova, K. (2024). Knowledge management in small and medium enterprises: a systematic literature review, bibliometric analysis, and research agenda. *Journal of Knowledge Management*, 28(2), 590-612.

Ribeiro-Rodrigues, E., e Bortoleto, A. P. (2024). A systematic review of agent-based modeling and simulation applications for analyzing pro-environmental behaviors. *Sustainable Production and Consumption*. Journal homepage: [www.elsevier.com/locate/spc](http://www.elsevier.com/locate/spc)

Samosir, D. K. B. M., Augustine, Y., e Pardede, R. (2023). Increasing Business Performance in Property Management by Implementing the Green Habit. *Indonesian Journal of Sustainability Accounting and Management*, 7(1), 104-120. DOI: <https://doi.org/10.28992/ijSAM.v7i1.477>

Sarhadi, Z., Kaffashan Kakhki, M., e Behzadi, H. (2021). Productivity story of Iranian librarians: assessing the impact of knowledge management and emotional intelligence. *The Electronic Library*, 39(6), 846-864. DOI: 10.1108/EL-06-2021-0122

Shengyao, Y., Xuefen, L., Jenatabadi, H. S., Samsudin, N., Chunchun, K., e Ishak, Z. (2024). Emotional

intelligence impact on academic achievement and psychological well-being among university students: the mediating role of positive psychological characteristics. *BMC 16psychology*, 12(1), 389. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40359-024-01886-4>

Silva, L. D. D., Vieira, A. M., e Tambosi Filho, E. (2024). Curricularização da extensão universitária: indicadores de avaliação para os cursos de administração e contabilidade. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 29, e024001.

Silva, A. C. F., e Silva, N. D. (2024). Relatos de experiências de extensores: Contribuições para a formação em escolas cruas. *Revista Online de Política e Gestão Educacional*, 28. DOI:10.22633/rpge.v29i00.19935

Simamora, B. (2021). How proponents and opponents influence achievement motivation: The role of the anticipated emotions of other people. *Gadjah Mada International Journal of Business*, 23(1), 1-35. DOI: <http://journal.ugm.ac.id/gamaijb>

Singh, A., Kukreja, V., e Kumar, M. (2023). An empirical study to design an effective agile knowledge management framework. *Multimedia tools and applications*, 82(8), 12191-12209.

Song, Y., et al. (2024). A framework for inclusive AI learning design for diverse learners. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, 100212. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.caeai.2024.100212>

Souza, L. H. R., e Cardoso, B. L. C. (2024). Indicadores de saúde prevêm o estilo de vida de professoras aposentadas. *Revista Praxis Educacional*, 20(51).

Spatti, A. C., Gimenez, A. M. N., de Aguiar, C. M., Batista, M. J., Vidrich, M. C. R., Lipay, M. V. N., e de Mello, P. H. (2023). Curricularização da extensão universitária: como medir seus impactos? *Revista Tecnologia e Sociedade*, 19(58), 265-289.

Superior, E (2024). Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta, 12, 2014-2024. DOI: [https://abmes.org.br/public/arquivos/legislacoes/Resol\\_7cne.pdf](https://abmes.org.br/public/arquivos/legislacoes/Resol_7cne.pdf)

Vidal, C. I. D. M., e Verelst, N. (2024). O currículo como articulador nos processos de extensão universitária: Uma teoria fundamentada no contexto da formação doutoral em uma universidade regional. *Revista Educação*, 48(2). Acesso: <http://doi.org/10.15517/revedu.v48i2.58180>

Volpe, R. J., Hill, E., Briesch, A. M., e Leiwant, I. (2025). Classroom observation of student behavior: A review of seven observation codes. *School Psychology Review*, 54(1), 105-127. DOI: <https://doi-org.ez151.periodicos.capes.gov.br/10.1080/2372966X.2023.2245360>

Xu, Y., Dong, W., Liang, X., e Xu, Y. (2024). Internal control of enterprise green production and legal protection of intellectual property based on organizational behavior theory under artificial intelligence. *Journal of Computational Methods in Science and Engineering*, 14727978241299233. DOI: <https://doi-org.ez151.periodicos.capes.gov.br/10.1177/14727978241299233>

Wang, Z., Hu, Y., Huang, B., Zheng, G., Li, B., e Liu, Z. (2024). Is there a relationship between online health information seeking and health anxiety? A systematic review and meta-analysis. *Health Communication*, 39(12), 2524-2538. DOI: <https://doi.org/10.1080/10410236.2023.2275921>

Wu, Z., e Klingebiel, R. (2024). A behavioral theory of Leviathan Inc: State firms' responses to performance shortfalls. *Strategic Organization*, 14761270241261141. DOI: <https://doi.org/10.1177/14761270241261141>

Younas, M., Noor, A. S. M., e Arshad, M. (2022). Cloud-based knowledge management framework for decision making in higher education institutions. *Intelligent Automation e Soft Computing*, 31(1), 83-99. DOI:10.32604/iasc.2022.018332

Zavala, J. J. A., Arguelles, J. J. I., Partidas, N. J. R., e Ricardo, J. E. (2023). Integración migratoria y desarrollo de em currículum problematizador para em Educación Inclusiva y de calidad em Iberoamérica. *Revista Conrado*, 19(S2), 482-490.

Zhang, Q., Zuo, J., e Yang, S. (2025). Research on the impact of generative artificial intelligence (GenAI) on enterprise innovation performance: a knowledge management perspective. *Journal of Knowledge Management*. DOI: 10.1108/JKM-10-2024-1198

Zhong, D., Fan, J., Yang, G., Tian, B., e Zhang, Y. (2022). Knowledge management of product design: A requirements-oriented knowledge management framework based on Kansei engineering and knowledge map. *Advanced Engineering Informatics*, 52, 101541.